

A GEOPOLÍTICA COMO TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA *

Christian G. Caubet
Professor do CDGD/UFSC

ALGUMAS DEFINIÇÕES DE GEOPOLÍTICA RUDOLF KJELLEN (sueco)

Geopolítica, és la ciência que concibe al Estado como um organismo geográfico ou um fenômeno en el espacio.

DEFINICION OFICIAL DEL INSTITUTO DE GEOPOLÍTICA DE MUNICH

Geopolítica és la doctrina de las relaciones de la tierra con los desarrollos políticos. Tiene como base los sólidos fundamentos de la Geografía, en especial de la Geografía política, como doctrina y estructura de los organismos políticos en el espacio. Los descubrimientos de la Geografía, en cuando al carácter de los espacios de la tierra, representan el almacén de la Geopolítica. Los acontecimientos Políticos han de ocurrir dentro de este almacén para tener consecuencias favorables permanentes.

* Estudo apresentado como comunicação no V Encontro da Associação Nacional de pós-Graduação e pesquisa em Ciências Sociais (Nova Friburgo, Rj. 21-3/10/1981), com o título: Geopolítica: ciências da pátria ou consciência do Estado?

** O autor agradece à Ford Foundation pela dotação de pesquisa que concedeu para realizar os levantamentos preliminares à sua tese de doutorado; parte dos dados recolhidos foram aproveitados para elaborar este estudo.

Aquellos que moldean la vida política, ocasionalmente podrán apartarse de este armazón, pero, antes o después ha de prevalecer la característica limitación terrestre de los acontecimientos políticos.

De este modo la Geopolítica se confíeste en la doctrina de un arte. La cuestión de guiar la política práctica hasta este punto, es la que obliga a dar un paso hacia lo desconocido. Este paso sólo alcanzará el éxito si está inspirado por conocimientos geopolíticos. La Geopolítica debe ser y será la conciencia geográfica del Estado.

J. VICENS VIVES (español)

Es la doctrina del espacio vital. Resume los resultados de la Geografía Histórica y de la Geografía Política en una síntesis explicativa, que intenta aplicar a la consideración de los sucesos políticos y diplomáticos contemporáneos. No pertenece propiamente a la ciencia geográfica.

AUGUSTO PINOCHET UGART (chileno)

La Geopolítica es una rama de las ciencias políticas que, basada en los conocimientos geográficos, históricos, sociológicos, económicos, estratégicos y políticos, pasados y presentes, estudia en conjunto la vida y desarrollo de una masa humana organizada en un espacio terrestre, analizando sus múltiples y recíprocas influencias (sangre-suelo), para deducir sus objetivos y estudiar sus proyecciones, con el fin de lograr en el futuro un mayor bienestar y felicidad para el pueblo.

GOLBERY DO COUTO E SILVA (brasileño)

La Geopolítica es "política hecha en armonía con las condiciones geográficas. (Backheuser). La Geopolítica sirve de fundamentación y propone directrices de acción política. Se subordina a la política y aplica al servicio de ésta los conocimientos de la ciencia geográfica. Como el Estado-Nación es el organismo político soberano en el actual cuadro de la evolución del mundo, a geopolítica nacional se constituye en el núcleo doctrinario fundamental".

CARLOS DE MEIRA MATTOS (brasileño)

Acepta la definición del Instituto Geopolítico de Munich, la cual resume en la frase de Ratzel: "espacio es poder". Le agrega un concepto propio: "geografía es destino".

Fonte: J. E. GUGLIAMELI. Geopolítica del Como Sur. Buenos Aires, El Cid Editor, 1979. p. 24-5.

Não são poucas as obras que abordam o estudo das relações internacionais a partir de um enfoque geopolítico. A análise de tais relações beneficia-se, assim, de um certo capital de cientificidade, na medida em que a geopolítica é apresentada como um instrumento técnico -portanto relativamente neutro -que garante uma certa objetividade nas conclusões tiradas do exame das relações interestatais. Isso ocorre mesmo quando os autores não negam a ambigüidade fundamental da geopolítica, miscelânea de ciência e de arte (1), ou quando reconhecem que a geopolítica foi frequentemente invocada para revestir de uma certa legitimidade determinadas políticas francamente expansionistas como, por exemplo, a do III Reich.

No âmbito restrito deste trabalho, pretendemos enfocar um caso geopolítico particular, no intuito de evidenciar algumas regras comuns, características da geopolítica em geral.

Escolhemos o problema do relacionamento entre Brasil e Argentina, a respeito da exploração hidrelétrica do Alto

(1) "Não seria justo negar [à Geopolítica] o duplo caráter, quase de todo indissociável, de ciência – na conceituação e fundamentos -e de arte -na praxis -que a própria política admite." Golbery DO COUTO E SILVA, Geopolítica do Brasil, 1967, p. 64. Encontramos também preocupações epistemológicas, na obra de J. E. GUGLIAMELI, Geopolítica del Cono Sur. Este autor identifica. "(...) quatro posibles "malas artes": el charlataneo pseudocientífico; la conclusión superficial o no debidamente comprobada; las tesis venidas de afuera y fuertemente publicitadas, (...); por ultimo, los "artigmatismos" geopolíticos" derivados de los intereses de grupo o sector". (pp.23-4).

Paraná, para ilustrar nosso propósito. O ponto de partida de nossa indagação é um texto particularmente tipificado, de autoria do general argentino J. E. Guglielmelli (2), onde se encontram os elementos mais característicos de uma representação geopolítica das relações internacionais.

Em primeiro lugar, a tonalidade global do artigo destoa do atual contexto das relações bilaterais entre os países interessados. Com efeito, desde o dia 19/10/1979, um acordo internacional tripartite (Argentina-Brasil-Paraguai) constitui a prova concreta de que existe uma vontade comum de tornar exequível o aproveitamento energético do Alto Paraná. No entanto, J. E. Guglielmelli continua insistindo sobre os antagonismos entre os três países parceiros, em clara ilustração da tendência da geopolítica em privilegiar o aspecto conflitivo das relações interestatais.

Em segundo lugar, o artigo acima citado também evidencia a dialética particular, inerente à análise geopolítica, entre qualquer fenômeno internacional e a exploração do mesmo para fins de política interna. As três batalhas perdidas pela Argentina, segundo as afirmações de J. E. Guglielmelli, envolvem as seguintes questões:

- a) a localização de Itaipu resultou de uma decisão política, e não de um estudo técnico, pois não havia necessidade de se fazer uma obra binacional;
- b) o confronto entre as teses jurídicas do prejuízo sensível (Brasil) e da consulta prévia (Argentina) não foi equacionado. A barragem de Itaipu constitui um fato consumado;
- c) a Argentina foi prejudicada com a cota atribuída para a barragem de Corpus.

Entretanto, as conclusões sobre as razões da perda dessas três batalhas resultam mais de uma interpretação unilateral dos fatos, do que propriamente das realidades objetivas.

(2) "Corpus-Itaipu. Tres batalhas perdidas..." In: *Estrategia*, n.º 61-62. Dez. 80/Fev. 81, pp. 7-29. Vide o mapa geográfico, em anexo.

Com efeito, afirmar que, quando nasceu o Projeto Itaipu, tratava-se de uma obra nacional brasileira, pelo fato desta localizar-se em Sete Quedas (Guaíra), e que a decisão de construir a barragem a 17 KM da fronteira com a Argentina foi tomada em função de considerações geopolíticas, é desconhecer a realidade territorial. Mesmo construída em Sete Quedas, a obra teria sido binacional, visto que o conjunto das quedas não está submetido a uma soberania única. À jusante das quedas, a anuência do Paraguai -e, logo, o caráter binacional da obra -teria sido obrigatória, fosse qual fosse a solução técnica escolhida para a barragem de Itaipu, inclusive a de um eventual desvio do rio Paraná.

Ao desconhecimento desses problemas, soma-se a maneira incorreta de avaliar o que é um prejuízo sensível, e a própria existência do mesmo, em função dos conceitos existentes em Direito Internacional Público. No entanto, a preocupação maior do autor não é de utilizar com toda propriedade os conceitos jurídicos, mas sim de tentar provar a fraqueza e a incompetência da chancelaria argentina, a qual não logrou -segundo ele -êxito suficiente na defesa dos interesses nacionais. Isso permite a Guglielmelli de revisar as negociações feitas, a fim de demonstrar o que deveria ter sido realizado para melhor preservar os interesses argentinos, pois seu postulado é que o resultado alcançado em 1979 não os resguarda de forma adequada.

Nesse ponto, percebe-se que o discurso foi dialetizado, no sentido anteriormente citado. Na verdade, estamos agora diante de um problema interno argentino, e não mais de uma questão de relacionamento com um país vizinho. Equivale dizer que o problema originário serve apenas como pano de fundo para situar a ação principal, que consiste em enaltecer a consciência nacional face aos "perigos" oriundos de todos os "além-fronteiras". E nada como um bom fenômeno de rejeição para provocar uma (salutar) tomada de consciência nacionalista. Em outras palavras, o fato de designar uma ameaça é um meio seguro de fazer cerrar as fileiras e de

(ré-) constituir um certo consenso nacional, num momento de graves problemas internos. (O conflito das Malvinas constitui-se em clara ilustração do fenômeno, tanto pela iniciativa argentina como por sua exploração posterior na Grã-Bretanha).

Para alcançar esse objetivo -nacional e permanente -o geopolítico não vacila em simplificar exageradamente os temas que aborda. O maniqueísmo "bom-mau", "amigo-inimigo", está implicitamente determinado por esse enfoque dado às relações "Nós-Eles".

É assim que Guglielmelli afirma que os objetivos operacionais de Itaipu são de: "perturbar la navegación del Alto Paraná (...); obstaculizar, en perjuicio de la Argentina, el aprovechamiento óptimo del río Paraná (...). Marco estratégico: Política de hegemonismo sobre Paraguay (...)." Enquanto que na barragem de Corpus, a Argentina só almeja desenvolver suas relações de boa vizinhança interestatal: "Optimización del recurso natural compartido en el tramo de la singularidad geográfica (...); ofrecer una obra compartida a Paraguay que afirme los vínculos con este país (...). Marco estratégico: Búsqueda de una leal y franca cooperación con el Paraguay." (3)

As observações precedentes podem parecer estritamente ligadas ao caso em pauta. Na realidade, elas constituem um aparato essencial de toda a literatura geopolítica, como pretendemos ilustrar em seguida, através do estudo de obras geopolíticas mais teóricas, focalizando os temas seguintes: o maniqueísmo, a falta de rigor dos conceitos e o papel funcional da geopolítica, no plano interno.

I. MANIQUEÍSMO E TRATAMENTO CONFLITIVO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O maniqueísmo geopolítico compreende dois aspectos diferentes. Em primeiro lugar, existe o confronto ideológico

(3) Idem, pp. 18-9.

Leste-Oeste, que permite traçar uma primeira fronteira entre "Nós" e "Eles". Como ressalva Carlos de Meira Matos, convém distinguir "(...) as sociedades livres, abertas, (onde) predominam os instrumentos de persuasão, baseados no convencimento" e "as sociedades totalitárias fechadas, nas quais incidem maiormente os instrumentos de coação e a revitalização dos mitos carismáticos." (4) Esse antagonismo é o resultado da evolução histórica do pensamento humano sobre a sociedade. "A primeira escola outra não é senão a do pensamento ocidentalista-cristão. A segunda, está contemporaneamente sintetizada na dialética da tese-antítese-tese-antítese (sic!)" (5), também definida pelo general Golbery do Couto e Silva como "a heresia materialista do imperialismo soviético." (6)

Contudo, embora a existência da ideologia adversa possa explicar os antagonismos em nível planetar, os diversos nacionalismos sustentam-se melhor quando podem aproveitar a presença de inimigos potenciais, geograficamente menos longínquos. No Cone Sul da América Latina, por exemplo, geopolíticos argentinos e brasileiros acusam-se mutuamente de terem tendências expansionistas ou hegemônicas.

As queixas e acusações argentinas frisam que "el Brasil há heredado una vocación imperialista que subraya sin desfallecimientos..." (7), a qual acarreta como consequência que "(...) algunos círculos chauvinistas sueñan aún con trasnochados imperialismos o con nuevas ymas sofisticadas formas de colonialismo, ajenas al espíritu de los países miembros de la Cuenca del Plata y a contramano del actual proceso histórico mundial y latinoamericano." (8)

(4) A Geopolítica e as Projeções do poder. Rio, 1977, p. 31.

(5) Ibid, p. 60.

(6) Geopolítica do Brasil, p. 176.

(7) ROJAS, Interesses Argentinos en la Cuenca del Plata, B. Aires, 1975, p. 264.

(8) GUGLIAMELLI, Geopolítica del Cono Sur, cit., pp. 141-2.

O resultado dessa mentalidade, no Prata, seria o desenvolvimento do imperialismo brasileiro e a satelização dos países menores. Itaipu deve ser visto "como expresión del control de los recursos hidroeléctricos en el Alto Paraná. Itaipu sirve assimismo para acentuar su penetración y consolidar su hegemonía [do Brasil] sobre Paraguay." (9).

Nas obras dos já citados autores brasileiros, não se encontra, porém, uma base suficiente para justificar os receios argentinos. Não é que sejam raras as afirmações mais ou menos agressivas, mas também não faltam evidências que demonstram inexistir qualquer frustração de ordem territorial no Brasil.

Segundo o general Golbery do Couto e Silva, existem dois tipos de razões que podem provocar graves problemas entre Brasil e Argentina. São do primeiro tipo as provocações que podem emanar de países terceiros: "Paraguai e Bolívia, "prisioneiros geopolíticos", (...) constituem, sobretudo por sua instabilidade política e econômica, indisfarçáveis zonas de fricção externas onde podem vir a contender, quer queiram quer não, os interesses brasileiros e argentinos."(10) Mas os desígnios próprios dos argentinos também não podem ser ignorados. É na região Uruguay-Misiones-Este catarinense "(...) que se define a linha de tensão máxima no campo sul-americano", reforçada pela tradição histórica de choques e "por uma aspiração hegemônica alimentada além do Prata por uma propaganda tenaz e incansável desde os dias já longínquos de Rosas." (11)

No entanto, também afirma o general Golbery que "somos uma nação territorialmente realizada, satisfeita com o patrimônio que detemos à custa de antigos conflitos a que não nos pudemos furtar..." (12) E insiste sobre o fato de

(9) Ibid., p. 198.

(10) Geopolítica do Brasil, p. 55.

(11) Ibid., p. 58.

(12) Ibid., p. 134.

que a mais urgente tarefa brasileira é a conquista do seu próprio interior: "Nossa Geopolítica deverá ser pois, necessariamente, nesta quadra da vida histórica nacional, ainda uma geopolítica de expansionismo interior, de integração e valorização territoriais, sem quaisquer ressaibos de um imperialismo além-fronteiras descabido e grotesco para quem dispõe, dentro de seu hábitat, de todo um império imenso a construir." (13)

Contudo, já que uma das metas principais dos geopolíticos é a de pôr mais lenha nas fogueiras dos nacionalismos, pouco interessa esse tipo de declaração, cujo autor descaracteriza-se como inimigo potencial. A seleção dos argumentos passa pelo prisma da prioridade dos interesses nacionais e faz com que cada geopolítico possa ser alvo da seguinte crítica, endereçada ao general Golbery pelo general Guglielmelli: "(...) li que es grave desde un punto de vista geopolítico es que su análisis, especialmente cuando se refiere a la América del Sur o al África Suroccidental, es francamente tendencioso. Para ello enfoca unilateralmente algunos factores; omite, silencia o magnifica otros; atribuye en fin, actitudes políticas, según convenga a sus intereses." Conclui ele: "La Geopolítica de Golbery do Couto e Silva es caprichosamente dirigida a fundamentar los objetivos de la política brasileña."(14)

Mas se os geopolíticos estão a serviço de seus respectivos países e/ou povos, e não hesitam em lançar mão de certa parcialidade para melhor cumprirem com as finalidades que eles se fixam, poderá a geopolítica dar-nos uma visão global coerente e exata?

(13) Ibid., p. 170.

(14) In Geopolítica del Cono Sur, p.212 Convém notar, todavia, que o General Golbery nunca pretendeu outra coisa, pois não vacila em afirmar que "(...) como interpretação de uma realidade geográfica e política e., principalmente, como projeção de interesses e aspirações nacionais, só valerá para nós, de verdade, a Geopolítica que se afirma como essencialmente brasileira." Geopolítica doBrasil, p. 64.

II. UMA CIÊNCIA DO VERBO, OU A PAIXÃO CONTRA A RAZÃO

Uma das críticas mais contundentes sobre o valor científico da geopolítica encontra-se na citação seguinte, de autoria do geopolítico malgrê lui Paulo Schilling: "Esa falsa ciência que és la geopolítica, que se caracteriza por un determinismo estrecho, por groseras limitaciones de orden geográfico, tiene mucho de ocultismo, de fetichismo, de artes mágicas. Una de esas manifestaciones es el triángulo. Para Golbery el hecho de que Brasil sea un triángulo con el vértice para el sur tiene mucho que ver con su futuro glorioso."(15)

Não há como negar que o triângulo seja um verdadeiro mito da geopolítica. Muitas vezes invocado como fenômeno explicativo (?) das relações internacionais, ele não apresenta, na realidade, utilidade alguma para contribuir a esclarecer os problemas, apesar de sua onipresença. Um censo não exaustivo revela a existência, além do triângulo mineiro, do espaço delimitado pelos três vértices América Latina-África Atlântica-Antártida (16); ou do triângulo-mor dos geopolíticos sul-americanos: "Não há negar que o equilíbrio político sul-americano se definirá, num futuro bem próximo, segundo as oscilações do já famoso triângulo Cochabamba (influências andinas), Sucre (influências platinas) e Santa Cruz (influências amazônicas)", escrevia Mário Travassos, em 1947 (17). Este autor também observava que a área do Panamá constituía um foco de tensão: "Trata-se da região compreendida pelos territórios do Equador, da Colômbia e da Venezuela, que, no ponto de vista geológico, certos autores designam por um triângulo cujos vértices se apóiam no Golfo de Guaiaquil, no de Darien e na Ilha da Trindade." (18)

(15) El Expansionismo Brasileño. B. Aires, 1978, p. 252, nota 144.

(16) Golbery DO COUTO E SILVA, op. cit., p. 213. Para ele, aliás, o próprio território brasileiro é "um triângulo fisicamente compacto de terras com o vértice apontando para o Sul." Ibid., p. 38.

(17) Projeção Continental do Brasil, S. Paulo, 1947, p. 176.

(18) Iden, p. 84.

A geografia não constitui um elemento científico da explicação geopolítica. Ela se torna uma peça de um jogo de mão, no qual os objetos mais disparatados estão reunidos em função de uma única razão: a vontade daquele que os manipula.

As distâncias e os obstáculos naturais são ignorados ou exagerados (19), segundo os objetivos das demonstrações que os levam em consideração. Disso resultam numerosas descrições, líricas ou épicas, em que se atribui aos elementos físicos diversas qualidades que lhes permitem desempenhar um verdadeiro papel autônomo. A bacia amazônica, por exemplo, "exerce decisiva atuação sobre o rumo das duas grandes instabilidades geográficas continentais -o planalto boliviano e o centro de dispersão colombiano. [Ela] representa, nesse particular, verdadeira força homogeneizadora, emprestando à calha imensa do Amazonas o papel de pêndulo regulador das oscilações daqueles territórios" (20) Mário Travassos amálgama -ou dissocia de tal maneira os dados que escolhe, que é de se perguntar como pode ainda existir uma unidade qualquer na Bolívia, seja ela nacional, econômica, geográfica ou militar. E não é outra a impressão que resulta da leitura da seguinte afirmação, a propósito do Peru: "Por su realidad andina y posición geográfica relativa se vincula por el norte con la Gran Colombia. Por el sur con el Cono Sur. A su vez, su área amazónica, lo pone en contacto estrecho con Brasil, país este interesado en algunos de sus minerales críticos." (21)

As referências à História padecem da mesma visão das coisas, e da mesma necessidade de acumular argumentos para convencer os nacionais da existência de perigos além-fron-

(19) Golbery fala no "gargalo atlântico que vai de natal a Dacar. "Por sua vez, Meira Mattos chama esse gargalo (de 3500 Km!) de "estreito e afirma que face aos modernos meios de circulação e controle, o Atlântico Sul é um lago. (Op. cit., p. 122).

(20) TRAVASSOS, op. cit., pp. 98 e ss.

(21) GUGLIAMELLI, Geopolítica del Cono Sur, p. 176.

teiras. Amalgamando fatos, realçamos a periculosidade do adversário: a ocupação do Acre por brasileiros permitiu que o Brasil reivindicasse a sua soberania sobre esta região e a anexasse, como fizeram os USA em relação ao Texas, ou Hitler no que diz respeito aos Sudetas (22). Mas o amálgama não é apenas sugerido, mas explicitado, quando o autor afirma: "Las tesis de la Escuela Superior de Guerra brasileira sobre las fronteras vivas, en expansión, tienen su origen en el Lebensraum de Hitler. Con un agravante, Brasil, con 12,5 habitantes por Km², no puede alegar ningún problema de espacio vital" (23). Nem alega, como vimos anteriormente... Mas a busca de argumentos leva a uma leitura totalmente subjetiva dos textos alheios, ou até mesmo a fazer citações truncadas. É assim que a afirmação segundo a qual "la guerra és inevitable. Solamente nos resta prepararnos para ella, con determinación, con clarividencia y con fê" (24), de autoria do general Golbery, está apresentada como uma ameaça real para os vizinhos do Brasil. Enquanto que, na realidade, o contexto dessa declaração revela que ela é uma conclusão, fruto do pensamento filosófico de seu autor: a guerra é inevitável, porque nunca foi evitada no passado. Por outro lado, esta inevitável guerra futura haverá de ser " (...) total, permanente, global, apocalíptica, (...) e só nos resta, nações de qualquer quadrante do mundo, prepararmos para ela, com determinação, e com clarividência e com fê." (25)

Pode-se afirmar, a rigor, que "de uma leitura assídua de Maquiavel e de Hobbes, o general Golbery recolhe uma antropologia pessimista" (26), mas nunca preconiza a participação do Brasil (ou sua preparação) em uma guerra sul-americana, por mais que goste de enaltecer o patriotismo e o nacionalismo.

(22) P. SCHILLING, op. cit., p. 102.

(23) Iden, p. 204. Vide igualmente nota 159, p. 275.

(24) Cit. in. SCHILLING, op. cit., p.80.

(25) Golbery DO COUTO E SILVA, op. cit., p. 12.

(26) Michel SCHOYANS, "La Présidence Geisel et le "pragmatisme responsable". Choix politiques actuels du Brésil", in. Problèmes. d'Amérique Latine. N.º XXXIX, Paris, 27/02/1976, p.8.

Isso nos leva a analisar, de maneira pormenorizada, os conceitos de nação e Estado, que estão na raiz de todas as teorias geopolíticas.

III. O PAPEL DA GEOPOLÍTICA NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NACIONALISTA

O conceito de Estado não está preenchido com conteúdo idêntico por todos os geopolíticos, fato este que prejudica muito a própria credibilidade da geopolítica. Para o general Golbery, por exemplo, não se pode reconhecer ao Estado uma vida autônoma. O Estado não é um organismo com vida própria, a despeito das afirmações de Kjellén, para quem: "Os Estados são seres conscientes e racionais como o homem. (...) Interesses, preconceitos, instintos e, sobretudo, o instinto de conservação, a vontade de crescer, a vontade de viver e a vontade de poder determinam a vida das nações. (...) Se o Estado é um organismo, necessita crescer... O poder (estatal) ... é um conceito fisiológico (...). A geopolítica é a teoria do Estado como organismo geográfico" (27). A confusão na conceituação dos diversos fenômenos facilita o trabalho da crítica. Todavia, o general Golbery lhe fixa certos limites: "Se razões sobram, pois, aos oponentes da Geopolitik ao acoimá-la de um determinismo estreito e ao criticar-lhe o grosseiro conceito organicista, responsável por muitas de suas distorções, não parecem sejam justos ao acusá-la, porém, de se haver deixado levar por um nacionalismo extremado." (28)

Mas o autor fornece razões -de sobra -para legitimar essas acusações, pois não só põe ênfase extraordinária no papel da nação, como dela faz um elemento essencial da

(27)Cit. pr Golbery, op. cit., p. 28. Outro emitente expoente das teorias geopolíticas, o general Carlos de Meira Mattos, afirma, igualmente: "Muitos entre nossos tratadistas, de ciência política padecem do pecado de considerar o Estado como uma ficção jurídica. Esquecem de que é o Estado, antes, de tudo, uma realidade palpável, viva e exigente." Vide A Geopolítica e as Projeções do Poder, p. 67.

(28) Op. cit., p. 29.

ideologia política interna. "Hoje, subsiste ainda a nação como polarizadora dessa suprema lealdade, sem a qual o homem nem mesmo seria homem. (...) Lealdade que não se traduz apenas no patriotismo -um mero sentimento, nobre e alevantado e inspirador, embora -mas no nacionalismo que é muito mais do que isso, porque é, sobretudo, uma vontade: vontade coletiva, vontade consciente, vontade criadora de engrandecer cada vez mais a nação, realizando plenamente e, sempre que necessário, salvaguardando a qualquer preço os Objetivos Nacionais Permanentes" (29). Ou, ainda: "O nacionalismo é, portanto, deve ser, só pode ser um absoluto, em si mesmo um fim último -pelo menos enquanto perdurar a nação como tal." (30)

Parece portanto legítimo afirmar a existência de um vínculo estreito entre o nacionalismo "extremado" e a própria essência da geopolítica. Da ligação dialética entre nação e geopolítica surge a elaboração de conceitos como o de segurança nacional.

Michel Sehooyans lembra que foi na década de 50 que surgiram "as teses fundamentais da ideologia revolucionária de 1964. (...) teses [que] ainda constituem o assento da "doutrina da segurança nacional", e isso, apesar das discussões, ou até da contestação, que elas geram nos meios militares e civis influentes" (31). O próprio general Golbery já afirmara a necessidade de referir-se ao quadro da doutrina da segurança nacional, pois esta oferece "a moldura onde situar, em seu justo papel e no seu âmbito adequado, tanto a Geopolítica como a Geoestratégia" (32). Confirma-se, assim, que a doutrina da segurança nacional é a base da reflexão sobre a geopolítica, já que é a partir de uma indagação sobre a natureza científica desta que o autor chega a evocar aquela.

(29) Idem, p. 98.

(30) Idem, p. 99.

(31) Op. cit., p. 8.

(32) Op. cit., pp. 145-6

A vontade de promover o conceito de nação à posição de viga-mestra da ideologia interna -com a consequência de hipostasiar-se o nacionalismo -bem como o correlativo desejo de preservar a própria nação a todo custo, fazem com que a análise das relações internacionais constitua-se em feed-back dos sistemas geopolíticos. Com efeito, é nessa análise que se buscam os elementos que mais facilmente garantem a coesão dos grupos sociais no plano interno. E é dessa forma que a diferenciação "Nós-ELES" torna-se um verdadeiro antagonismo maniqueísta.

O fato de a maioria dos geopolíticos pertencerem aos quadros castrenses é essencial para explicar porque suas análises se baseiam sobre premissas que privilegiam os aspectos conflitantes das relações: os minerais de um país são sempre estratégicos para os demais, o que leva sempre a duvidar da pureza das intenções dos contratantes quando compram ou vendem tais produtos; as construções de estradas se revelam como possíveis eixos estratégicos de penetração; a construção de um novo porto apenas trai a vontade de prejudicar os fluxos de mercadorias alheias. Acordo interestatal algum pode ter natureza econômica, industrial, financeira, agrícola ou cultural; pois não deixa nunca de ser o primeiro sinal de satelização do mais fraco de seus dois signatários.

A apresentação dos fatos sempre leva às interpretações exageradas, engendrando consequências caricaturais ou absurdas. A visita do general Videla à Venezuela, em 1977, durante a presidência de Carlos Andrés Pérez, representa nada menos que "la posibilidad de un eje Venezuela-Argentina, que podría constituir un obstáculo decisivo a los planes expansionistas brasileños..." (33). OS objetivos táticos da barragem de Itaipu são, simultaneamente: "producción eléctrica y bloqueo del río Paraná, ya que la obra no dispone de canal de navegación (34). E quando a História parece ter se-

(33) P. SCHILLING, op. cit., p. 273.

(34) GUGLIAMELLI, "Tres batallas perdidas...", p. 28, nota 18.

pultado os antigos confrontos, sob as décadas de paz que lhes sucederam, ainda se pode invocar as velhas rixas para fortalecer a consciência nacional; pois géopolitique oblige. Dir-se-á, por exemplo, que no Sul, o Brasil "se defronta ainda com os resíduos, de forma alguma insubstanciais, de uma tradicional rivalidade de cunho hegemônico..." (35)

Parece óbvio que todas as afirmações da geopolítica não surgiram, se não tivessem uma certa legitimidade ou algumas razões que as legitimassem. Mas um de seus principais resultados, que é o de criar e/ou manter uma relativa desconfiança em relação às intenções dos vizinhos, também constitui um obstáculo sério quando as necessidades obrigam as chancelarias a promoverem políticas de entendimento.

O Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Chanceler Saraiva Guerreiro, teve a oportunidade de lamentar o papel negativo de determinadas teses: "Sofremos grande influência dessas concepções geopolíticas que, se foram úteis e compreensíveis no passado, pouco podem nos inspirar em relação à nossa conduta no futuro. Refiro-me às teorias que pregam simples teorias de poder, mas que nos oferecem apenas a consolidação de desequilíbrios que é, exatamente, o que devemos evitar." (36)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que um altamente improvável fundamento científico, parecemos que a maior justificativa da geopolítica reside no seu valor instrumental para promover a integração e garantir a coesão nacional.

Contudo, os caminhos que levam a criar ou reforçar um processo de tomada de consciência nacional podem ser substancialmente diferentes. Na área geopolítica, faz-se mister

(35) G. DO COUTO E SILVA, op. cit., pp. 170-1.

(36) Declarações à imprensa, durante a XI Reunião de Chanceleres dos países da Bacia do Prata. Buenos Aires, dezembro de 1980. Transcrito por O Estado de São Paulo, de 03/12/1980, p. 5.

distinguir entre dois tipos de posicionamento diferentes, que levam a falar em geopolítica de agregação e geopolítica de oposição.

A geopolítica argentina, pelo menos na sua fase atual, constrói-se em oposição. Ela tem uma inegável obsessão pela atuação do Brasil, especificamente no âmbito do continente sul-americano. E o fato de ter postulado que o Brasil se constitui numa ameaça real, leva certos geopolíticos argentinos a uma incompreensão quase total dos acontecimentos, quando os estamentos militares firmam acordos para promover a cooperação bilateral em áreas importantes; inclusive de um ponto de vista militar. Com efeito, isso está em contradição com um dos pressupostos da geopolítica: o fato de privilegiar a análise das relações internacionais em termos de tensão e agressividade.

Seja como for, a percepção geopolítica argentina traduz uma atitude de oposição às manifestações da ação diplomática brasileira e resulta numa posição essencialmente defensiva.

Outra é a tradição geopolítica brasileira. Na verdade, se de um lado ela cumpre seu papel de homogeneização da consciência nacional (-ista), por outro ela encara o papel internacional do país como uma projeção natural além-fronteiras, e não como uma necessidade de defesa.

Desde o fim do século XIX, existe no Brasil umareal unidade de pensamento (geopolítico?) entre intelectuais de diversas áreas: geógrafos, historiadores, diplomatas, militares, bem como uma continuidade na percepção dos problemas. Com Euclides da Cunha surgem -no fim da década de 10 -argumentos que seriam depois retratados por Ferreira Reis ou Leandro Tocantins, mas também por Mário Travassos. Aos poucos foi-se confirmando na cultura brasileira, uma concepção do espaço totalmente original, que se traduz na expressão de conceitos teórico-ideológicos particulares. É só observar, no plano jurídico por exemplo, como

a prática lusobrasileira subverte o conceito de *uti possidetis juris* para concretizar-se no *uti possidetis de facto*.

Na questão do Acre, por exemplo, os acontecimentos podem ser assim resumidos: "(...) Euclides da Cunha constatou a ocupação pelos brasileiros; Rio Branco utilizou-a para levar a cabo sua política e reforçar a unidade nacional, difícil de ser mantida. Os historiadores da década de 50 justificaram essa política por conceitos sobre ocupação do espaço, ligada esta a uma análise histórica -no mínimo contestável (37)-do povoamento da América do Sul...

"Finalmente, na mesma época, e sob a influência da geopolítica alemã ou norte-americana, os generais militarizaram os conceitos de necessária "integração" e de "fronteira móvel e dinâmica", atribuindo-lhes um papel estratégico e de segurança nacional, baseado num raciocínio determinista mas abstrato." (38)

Mas não se deve esquecer que se a geopolítica brasileira cedo se orientou no sentido de promover a integração interna e o nacionalismo, em outras palavras: se ela pôde dedicar-se à tarefa de agregar, é precisamente porque ela não tinha necessidade de definir-se contra os nacionalismos dos vizinhos, nem de formular reivindicações de ordem territorial. Com efeito, em todos os casos de territórios contestados, que existiam ao final do século XIX, o Brasil levou vantagem. Na ausência de receios e/ou de espírito revanchard, fica muito mais fácil afirmar uma geopolítica de projeção nacional, sem agressividade.

E vice-versa: é grande a tentação de se exacerbar os delírios nacionalistas, quando a atuação do vizinho pode ser vista como uma ameaça. Mas é assim que se pode chegar,

(37) NO entanto, por mais contestável que fosse no plano científico, aquela análise estava certa no plano geopolítico, pois cumpria exatamente seu papel de cristalização da consciência nacional.

(38) Hélène RIVIÈRE d'ARC, "La formation du lieu Amazonie au XIX siècle", in *Cahiers des Amériques Latines*, n.º 18, pp. 210-1.

sem transição, a utilizar uma ameaça externa suposta ou real -para criar ou restabelecer um consenso nacional rigidamente concebido, isto é: excluindo-se certas posições (ou oposições) políticas e/ou categorias de pessoas. Isso apenas evidencia que pode haver uma certa incompatibilidade entre as exigências da geopolítica e as da democracia ...

Toulouse, maio de 1983
Christian Caubet

BIBLIOGRAFIA

DO COUTO E SILVA, Golbey. Geopolítica do Brasil. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1967, 2º Ed., 266 pp.

GUGLIAMELLI, Juan Enrique. Geopolítica del Cono Sur. Buenos Aires, El Cid Editor, 1979, 268 pp.

..... "Corpus-Itaipu. Tres, batalhas perdidas por la Argentina y, ahora peligrosas perspectivas: el papel de socio menor, del Brasil", in Estrategia, Buenos Aires, n.º 61-62. Nov. 80/ Feb. 81, pp. 7-29.

MEIRA MATTOS, Carlos. A Geopolítica e as Projeções, do Poder. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977, 148 pp.

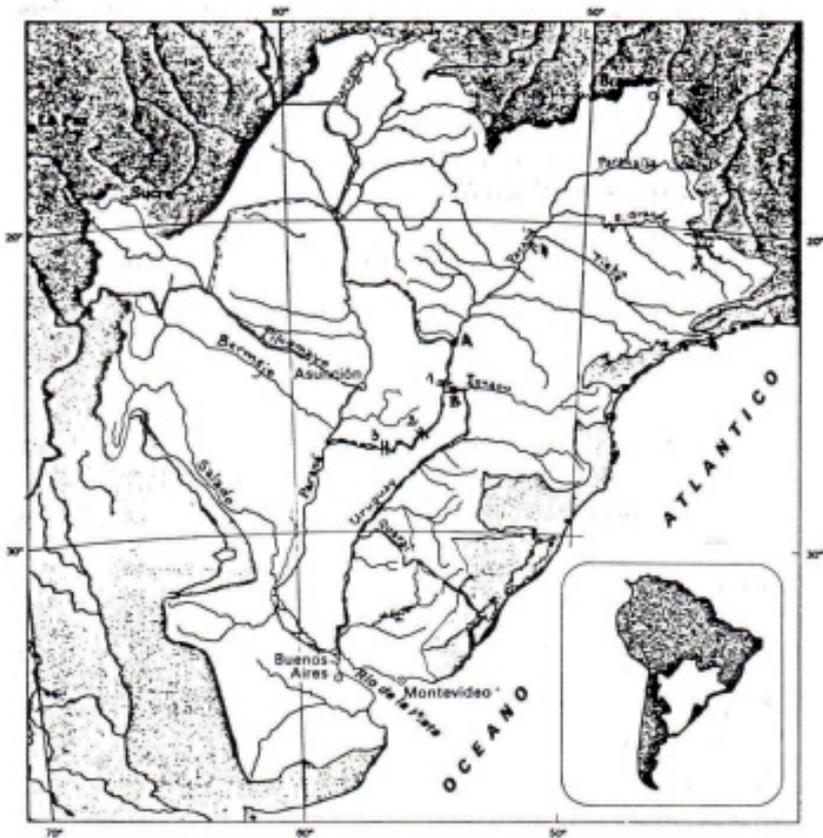
RIVÈRE d'ARC, Hélène. "La formation. Du lieu. Amazonie au XIX siècle", in Cahiers des Amériques Latines, n.º 18, 1978, pp. 183-211.

ROJAS, Isaac Francisco. Interesses Argentinos en la Cuencadel Plata. Buenos Aires, Ediciones Libera, 1975, 351 pp.

SCHILLING, Paulo R. El Expansionismo Brasileño. Buenos Aires, El Cid Editor, 1978, 314 pp.

SCHOOYANS, Michel. "La présidence Geisel et le "pragmatisme responsable". Choix. politiques actuels du Brésil", in Problèmes, d'Amérique Latine, XXXIX (4265, 4266, 4267), 27/02/1976, pp. 7-32.

TRAVASSOS, Mário. Projeção Continental do Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1947. 4º Ed., 253 pp.



BACIA DO PRATA

FONTE: Secretaria Geral da OEA. Programa de la Cuenca del plata. Departamento de Desarrollo Regional. Washington, D.C 1974.

Barragens

1 Itaipu

2 Corpus

3 Yacyreta-Apipé

4 Jupιά

Cataratas:

A. Sete Quedas ou Guairá

B. Iguazu